

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico Talhaba — Lisboa • Telefone 7
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116



DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

De olhos fechados

O governo do sr. Granjo caminha de olhos fechados. Esta circunstância impede de ver a grande dos problemas que se lhe deparado. Estamos em dizer não podem ser atribuídas ao sr. Granjo as responsabilidades das asneiras feitas por ele. Este caso, o sr. Granjo deve ir embora, porque isto de governar um povo exige estudo e razão, o é tarefa que de dia para dia mais difícil e complicada vai tornando. Se, porém, o sr. Granjo caminha de olhos abertos, pretende ter a consciência intacta dos seus actos, se se supõe bom avaliador das consequências que a sua precipitada orientação vem originando, ainda nesto caso se deve ir embora. Devo lembrar porque a sua obra apenas de agitação, de provocação, de perturbação. Em qualquer caso se deve ir embora. O sr. Granjo irritou, com impertinência descabida e impolítica, asseios laboriosos que se viram gradas a abandonar o trabalho na salvaguarda da própria dignidade. Com isto se agrava a situação do país. Excluídos estes factos, o sr. Granjo não tem feito de bom desde o momento em que tomou as rédeas do governo. Continuou simplesmente a obra dos seus predecessores, consistia em deixar correr o arim.

As condições da vida nacional pioraram em lugar de melhorar. No que respeita a carestia da vida sabe-se que ela aumentou, da ascensão do sr. Granjo à actualidade. As condições da indústria pioraram também, pois que aumentaram de custos as matérias primas. A cultura está sofrendo igualmente com o consulado do sr. Granjo. Não será preciso exemplificar quando não, lembraríamos o azeite, estando a menos de metade quando o sr. Granjo entrou no faulel governamental, está hoje a mais de três mil réis que o assucar, que a carne... vale a pena dizer o resto, que é já suficientemente conhecido dos nossos leitores.

Estas razões seriam já suficientes para indicar ao sr. Granjo a saída — como mais próxima e gloriosa apoteose dos seus feitos. Mas há mais razões que a idêntica conclusão. E' a

C. G. T.

Reunião do Conselho Confederal

Sob a presidência do delegado da U. S. O. da Povoia de Varzim, reuniu o Conselho Confederal, antontem.

No expediente, foi lido: a adesão à C. G. T. da Associação do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, nomeando os respectivos delegados, que tomaram assento: officio da Associação dos Descarregadores de Terra e Mar, do Porto, dando conta do seu movimento de reclamação; officio da U. S. O. de Lisboa e da F. N. C. C. sobre a adopção das cadernetas pelos operários a que se refere a lei dos accidentes no trabalho.

Sobre esta questão pronunciaram-se grande número de delegados, que apreciaram a vantagem e desvantagem das mesmas cadernetas para os sinistrados, sendo por último nomeada uma comissão para estudar devidamente o assunto, devendo esta apresentar o seu parecer na próxima reunião do Conselho Confederal, que deve ter lugar amanhã, segunda-feira.

Entretanto ficou pelo conselho assente chamar a atenção dos organismos sindicais para que aconselhem aos sindicados a não aceitação da referida caderneta, enquanto a C. G. T. não se pronunciar definitivamente sobre o assunto.

Outro officio da U. S. O. de Lisboa, acompanhado duma moção já aprovada por aquele organismo, sobre um movimento que o mesmo vai encetar contra a forma acintosa como são perseguidos os operários e a organização sindical sem qualquer motivo sério que o justifique, e bem assim a favor da liberdade de reunião e de livre expressão do pensamento, pela palavra ou pela imprensa, e convidando a C. G. T. a pronunciar-se sobre esse movimento. Foi deliberado que, em virtude dos movimentos que existem, se tratasse do assunto noutra sessão.

O secretário geral comunica que ao comité foram participadas, pelos respectivos comités grevistas, as greves das classes marítimas e dos ferroviários do Estado.

O Conselho Confederal ponderou as circunstâncias em que aquelas greves se realizaram, quais os seus motivos e objectivos.

Congratulou-se porque aquelas classes sobessem tam oportunamente responder às arbitrariedades governamentais, constatando, com júbilo, que nem só as reclamações materiais determinassem as greves, mas também as questões morais, de dignidade e de liberdade, que sobremaneira as enobrecem. Constatou igualmente o gesto nobre e ativo dos operários da limpeza e sanidade, recusando-se, por um elevado sentimento de solidariedade, a servir os interesses do estado e dos capitalistas em prejuizo das classes em luta.

Por unanimidade, resolveu o Conselho Confederal colocar toda a sua força ao lado das classes em luta, ou que para a mesma sejam arrastadas pelo menos por parte de quem as deveria atender e contra as arbitrariedades que contra as mesmas sejam exercidas.

Deliberou mais, chamar a atenção das restantes classes operárias, por meio dos seus organismos, para estarem de sobre-aviso com o que possa acontecer, pois bem podem os governantes exercer represálias incompatíveis com os princípios de justiça, contra as classes em greve e contra a razão que às mesmas assiste.

O Conselho Confederal verificou que por parte do governo há o desejo de amadurecer pela violência as classes cujos serviços são imediatamente necessários à vida da nação, para depois mais facilmente esmagar as restantes classes.

E nessa conformidade o Conselho Confederal é levado a pôr a classe operária em guarda e a convidá-la a estar a postos para se pronunciar, no caso de os actos governamentais assim o determinarem e o conselho a isso ser forçado.

NOTAS & COMENTARIOS

O mês de agitação

Devem estar lembrados que o sr. António Granjo anunciou nas colunas do *Século* uma agitação para este mês. Sua excelência lá sabia o que dizia e parece que de facto não se enganou nos seus cálculos. A agitação que o sr. Granjo fomentou está produzindo os seus efeitos; assim o quiz, assim o tem. Quiz a agitação e ela veio.

Não foi, portanto, o órgão sindicalista, como dizem alguns jornais, quem anunciou o mês de agitação, foi o sr. Granjo, porque só ele o preparou.

O direito à greve

O sr. Brito Camacho revoltou-se contra as greves; quizi que condenava o direito à greve. O sr. Brito Camacho tem muita razão. O público não pode ser afectado. Que o comerciante aumente os géneros, está bem... porque não afecta os interesses do país. Agora que os operários fazem greve, isso nunca. Tem o sr. Camacho muita razão. Os operários, convencidos pelo sr. Camacho, vão deixar de fazer greve; mais de metade da população morrerá de fome. O país progredirá, os seus interesses não serão afectados e a ordem reinará.

A classe operária

Aos metalúrgicos em especial

Tenta o governo levar o operariado metalúrgico de alguns estabelecimentos fabris do Estado e da indústria particular a traí-los, executando as peças que foram arrancadas às máquinas pelos ferroviários do Sul e Sueste.

Apelando para a classe operária, este Comité avisa todos os metalúrgicos para que tal serviço não seja executado.

O Comité Central dos Ferroviários do Sul e Sueste.

O movimento dos ferroviários do Estado

O governo quer que a classe operária traia os ferroviários — Bela atitude dos grevistas

A nota das suas reclamações

São bem claras e precisas as declarações dos nossos camaradas ferroviários do Sul e Sueste para que o público possa estar de lado está a razão.

O governo não quer parlamentar com os grevistas, recusando-se terminantemente a procurar solução ao conflito, lançando em seguida sobre os ferroviários as responsabilidades e consequências da situação que se atravessa.

Esse procedimento verdadeiramente infame revela as intenções reservadas dos governantes, que não tendo em conta alguma os interesses do público, via apenas a esmagar a classe operária, como represália contra o gesto valente dos ferroviários do Sul e Sueste, que mais uma vez provaram o seu valor, rebentando com um movimento em pleno dia e com tudo militarmente tomado.

Sabemos serem falsas as informações que outros jornais tem dado sobre a normalização dos serviços, revoltando-nos contra a especulação que se tem feito em volta deste movimento.

Ainda ontem o dr. Brito Camacho atribuiu aos ferroviários a qualidade de grandes criminosos porque não largaram o serviço deixando nas mãos dos governantes as máquinas em bom estado.

Isto chega a ser um critério imbecil, impróprio dum homem como o dr. Brito Camacho.

Também o Governo quer levar a classe operária a traír os ferroviários, exigindo que no Arsenal se executem as peças que faltam nas máquinas. Tal tentativa saberão os operários repudiá-la, pois que eles não se prestarão a traír uma classe que tem exuberantemente se afirmado, não se prestando a servir as intenções do governo e da burguesia.

Apresentam hoje os ferroviários a nota das suas reclamações, para serem negociadas pelo governo, como eles o desejam para bem, não se sabendo das intenções do sr. António Granjo e os fins a que visa. Mas estamos certos que os ferroviários lutarão até final, mas não se entregarão como o governo supõe.

O comité envia-nos a seguinte comunicação:

Supõe o governo, intrigado por uma parte da imprensa, poder esmagar os ferroviários do Estado, sobreditando-os à sua vontade, acusando-os de não terem razão suficiente para se lançarem num movimento, quando a declaração da greve foi a rota da atitude do próprio governo, que não hesitou em provocar a classe ferroviária, destruindo a algumas das entidades asperiores, entregando a direcção de todos os serviços ao poder militar.

Apesar das tentativas que o governo tem posto em prática, obrigando os operários do Arsenal de Marinha e de outros estabelecimentos fabris a executarem as peças que faltam nas máquinas e que dali foram arrancadas em legítima defesa, apesar do governo garantir a normalização dos serviços; apesar da imprensa anunciar combóios, a classe ferroviária do Estado manter-se há já luta até que a sua voz seja ouvida.

Se há prejuizos para o público, não tem o governo o direito de atribuir aos ferroviários a anomalia de uma situação que possa ser imediatamente modificada, se forem encetadas já as negociações sobre as causas que motivaram este estado de coisas, e que sistematicamente o governo desdenha.

Por toda a parte a moral do pessoal é excelente, registando-se a atitude violenta e despolítica da força armada sobre os ferroviários, a quem querem obrigar a trabalhar contra a sua vontade.

Está-se explorando escandalosamente com a opinião pública, mentindo-se sem reboço, explorando o público ingenuo e crente, pretendendo convencê-lo de que a situação que foi afirmada no Sul e Sueste, ultimamente distribuído pelo país.

Citamos nota ordenada de um maquinista de 2.ª classe, que excepcionalmente fez um mês de vencimento mais elevado. Não diz porém essa nota que esse maquinista para atingir essa verba, teve de trabalhar 145 horas a mais nesse mês, ou sejam 18 dias e uma hora, tendo percorrido para isso 2325 quilómetros, independentemente de reservas e outros serviços no depósito que fez.

A diuturnidade está errada, visto que esta verba não pode ir além de trinta escudos; além disto este empregado esteve deslocação 34 dias e um quarto.

Sobre as guardas barreiras a exploração é verdadeiramente infame, pois não o pessoal pede para elas a mesma subvenção, nem todas são casadas com empregados como se afirma.

O governo não agora ainda não disse que os ferroviários apresentaram uma plataforma e que o próprio governo se tem recusado a discutir as reclamações apresentadas. Isto, porém, é o que se tem passado, descrevendo o governo as responsabilidades de quanto tem ocorrido, sobre os ferroviários, para cobrir a precipitação das suas resoluções, sem consideração alguma pelo público e pelas consequências deste conflito que provoca.

Continua a greve sem defeições

Apesar de notícias tendenciosamente propagadas

Em vindo a lume, em vários jornais, de que a greve geral das classes marítimas estava virtualmente terminada, pois que se haviam apresentado ao trabalho bastantes tripulantes, as informações não são verdadeiras, como se depreende da nota do comité que abaixo publicamos, porquanto alguns indivíduos se tem apresentado ao serviço, eles não fazem parte da greve.

As notícias de jornais, excepto a *Batalha*, são para desvirtuar a opinião pública contra os grevistas. Visto que se vai sentindo já a falta de descargas e cargas, o povo de Lisboa e arredores, Porto e Leixões vão sofrendo a falta de géneros alimentícios.

O comité declara que o manifesto distribuído hoje sobre o pessoal da exploração do porto de Lisboa foi publicado pelo sr. António de Macedo, como ainda declara o comité que não é responsável pela falta de géneros para consumo público.

O comité recebeu comunicações de todas as associações do país, como sejam não só as de Lisboa, como as dos arredores e do Porto, Leixões e Vila Nova de Gaia. O comité está na disposição de fazer quanto possível para o bom êxito andamento da greve.

O comité officio para o Porto pedindo as informações sobre o número de navios que estão paralisados.

A Liga dos Officiais da Marinha Mercante envia-nos o seguinte officio que recebeu do capitão-tenente sr. António Mendes Barata e que vem desfazer notícias publicadas em alguns jornais:

A' Dig.ª Associação dos Marinheiros Mercantes Portuguezes, —Lisboa, 2 de Outubro de 1920.—Tendo visto na imprensa uma local onde se fazem referências a actos de sabotagem cometidos pelos grevistas das máquinas e caldeiras ao abandonarem os navios que tripulavam, e não sendo a expressão da verdade, cumprindo um dever de justiça, venho perante V. Ex.ª dar o meu testemunho para desmentir categoricamente que tais actos de sabotagem se não deram, pois os navios se encontram em bom estado.

O pequeno incidente que houve no vapor *Minho* foi filho da precipitação da saída do navio e não da falta de pericia do pessoal civil ou militar. —Saúde e Fraternidade.— O maquinista chefe dos Transportes Marítimos, —(a) António

Que ordens serão?

Comunica-nos Anibal Vieira da Costa e Silva, inscrito marítimo, que estando a conversar, com outros camaradas, na quarta feira, à porta da direcção dos T. M. E., foram acerçados por uma patrulha da *briosa* que os mandou retirar, no que foi obedecido por se livrarem das custodias delicadezas.

Porém, como um dos da patrulha notasse que um daqueles camaradas tinha na mão uma cédula de inscrição marítima, empurrou o camarada Anibal, ao mesmo tempo que dizia ao outro soldado:

—Olha que estes são dos tais do mar que estão em greve. E' preciso muita cautela com esta gente e tu bem sabes as ordens que temos...

E tiveram que sair dali os cidadãos camaradas, pois que o encontro era pouco agradável. Que ordens serão as da guarda? E' assim, com provocações, que pretendem fazer justiça aos homens que trabalham?

Também ontem à tarde, junto dos escritórios da mesma direcção e immediatas, a policia dispersou violentamente todas as pessoas que ali se encontravam, sem que tal medida se justificasse, o que provocou a indignação de quantos presenciaram essa scena.

Várias notas

Os tripulantes do vapor japonês, que se encontra na doca de Alcântara, abandonaram o trabalho, visto não consentirem a bordo pessoal que não fosse dos estivadores profissionais.

O vapor *Granja*, que estava atracado à muralha de Alcântara, foi retirado para o rio, mais, obrigado pela corrente de água e erro de manobras, teve de voltar, esbarrando contra a muralha e deteriorando-se a roda de proa, motivo porque teve de recolher ao dique para reparação.

As chamadas traineiras de mar alto conforme tem chegado não voltam para o mar, assim como o vapor de pesca de nome *Sintra*, que chegou, fez a descarga e não tornou a sair.

O conhecido Joaquim Correa, de combinação com o policia 816, da 9.ª esquadra, tentaram ontem, de pistola em punho, recrutar pessoal para fazer a descarga de trigo dum vapor que se encontra na muralha de Alcântara.

A notícia que alguns jornais publicaram de que as embarcações foram rebocadas por vapores da Alfândega, são mentiras verdadeiras, visto que as fragatas B-13 e outras se encontram há 8 dias carregadas com cortiça no Seixal.

Algumas fragatas pertencentes à casa Balançola foram mobilizadas para carregarem pinho para as fábricas de moagem, mas o proprietário mandou tirar todos os aparelhos das suas embarcações, ficando na impossibilidade de poder navegar, em conformidade com o estabelecido entre os proprietários de fragatas em não consentirem militares a bordo.

E' o *Fisiller*, o vapor belga, cujos

Congresso Socialista

Inicia hoje os seus trabalhos

Na sede da Associação de Classe do Pessoal Maior dos Correios e Telégrafos, à rua Eugénio dos Santos, 159, 2.º, realiza-se hoje a sessão inaugural do 2.º congresso extraordinário (9.º nacional) do Partido Socialista Português. A sessão, que será presidida pelo dr. Ramada Curto, abrirá ao meio dia, e da ordem de trabalhos consta:

- a) Eleições da Comissão revisora de mandatos. Comissão de Pareceres das propostas diversas.
- b) Apresentação e aprovação do Regulamento do Congresso.
- c) Leitura do Relatório do Conselho Central.

A' noite, pelas 21.30, efectuar-se-á a segunda sessão, presidida pelo sr. Martins Santarém, e secretariada pelos srs. Sousa Neves e Monteiro de Castro. Nela se discutirá o relatório do Conselho Central.

Tomam parte neste Congresso os indivíduos filiados em qualquer agrupamento partidário que tenham recebido delegação das colectividades socialistas, sem acumulação de mandatos, os ex-ministros, os deputados e os vereadores socialistas na actual ou anteriores legislaturas. As organizações ou jornais socialistas far-se-ão representar por delegações de um a três membros, mas para as votações consideram-se há um voto por cada organismo, e com prévio acordo entre esses membros.

Sindicato Ferroviario da C. P.

Deste sindicato recebemos o seguinte comunicado:

«Estão as entidades competentes apostas em fazer morrer de fome a classe ferroviária. Depois da perseguição acintosa feita aos nossos camaradas do Sul e Sueste, de que resultou o seu gesto altivo, não consentirem em forma vexatória, como estão sendo tratados, teimarem essas entidades em não harmonizar esta importante questão, concedendo a aqueles camaradas o que de direito lhes pertence, ocasionando assim um enorme prejuizo ao país. Preferem continuar pelo caminho das violências, perseguindo-os, tentando prender alguns e desalojando outros das suas habitações, com suas respectivas famílias.

—Intensificou-se significativamente o descontentamento que vem lavrando nos ferroviários da C. P., pelo facto de antontem aparecer diuturnamente o sr. R. cujo comandante subiu à nossa sede, tirando em seguida. Que interesse teria nisso? Já não podemos estar em nossa casa sem guarda de honra?»

Em Barcelona

Seis mil metalúrgicos em greve

BARCELONA, 2. — Quando pela Rambla passava um electrico, uns passageiros apressados os transeuntes, atingindo um engraxador e causando muitos prejuizos.

Na praça Antúñez foram encontrados dois pacotes com armas. Continua melhorando o serviço dos carroceiros. Estão em greve 6 mil operários metalúrgicos. —*Rádio*.

EM ESPANHA

Val ser declarado o estado de sitio na Corunha

CORUNHA, 2. — O governador conferenciou com as autoridades examinando a situação que se agravou. Julga-se que haverá necessidade de proclamar o estado de guerra.

Adoptaram-se precauções para o enttéro do condutor dos electricos vítima do atentado da bomba Calle Caballero. —*Rádio*.

Os gráficos de Saragoça declaram-se em greve

SARAGOÇA, 2. — Declaram-se em greve os operários das artes gráficas. Na povoação de Pedrosa, o povo amotinou-se contra o receptor das contribuições, tendo ocorrido a Benemerita.

Amanha declarar-se-ão em greve os magarefes se lhes não forem aumentados os salários. —*Rádio*.

No Minho e Douro

A greve dos ferroviários declarou-se às 18 horas, com entusiasmo

—Registou-se a espontaneidade do pessoal — Forças e meios fôdres — Prevenções e boatos infundados

PORTO, 30. — C. — Como já tinha dito, o público estava preparado para receber a notícia da greve dos ferroviários. Contudo, como ontem, a despeito dos boatos, as linhas funcionassem normalmente, nada transpirando a respeito da atitude que o pessoal ferroviário estava para assumir, pois nenhuma reunião estava marcada, ninguém esperava que a greve fosse feita declarada repentinamente. Uns supunham que ela se proclamasse amanhã, juntamente com a C. P., pois é voz corrente que o pessoal desta companhia também amanhã virá à luta; outros, porém, pretendiam que a greve seria só um facto lá para segunda-feira ou meados da semana, depois de ser paga a mensalidade em débito.

Enganaram-se os adivinhos, os esportos, e a greve foi votada perto das 6 horas da tarde, logo que os operários das oficinas largaram o trabalho. O abandono dos serviços foi o quanto há de mais espontâneo e mais entusiástico, sem, todavia, haver vivôres desnecessários, para não atrair as atenções da policia do Estado, que, nos últimos dias, tem farejado pelas estações. Bastou a simples distribuição das proclamações para que todos os ferroviários das várias especialidades cumprissem imediatamente o seu dever de solidariedade, o que prova que a necessidade do movimento estava no espirito de todos aqueles servidores do Estado, ou antes, do público. Por vontade do pessoal do Minho e Douro, a greve já tinha sido declarada há mais de quinze dias. Não houve defeições, e mesmo aqueles de quem o pessoal desconfiava foram os primeiros a retirarem-se para suas casas. Apenas ficaram na estação de Campanhã alguns ferroviários para esperarem os combóios que deviam chegar, após o que imediatamente se retiraram.

A proclamação a que acima me refiro é a seguinte:

Aos Ferroviários do Estado — Camaradas!

Chegou o momento de agir. Os esforços por nós enviados, no sentido de, subreptamente, levarmos a bom termo as demarches que há longos dias se arrastavam monotonamente, fallaram por completo.

A paciência tem limites! Estamos a provar Não nos cabe responsabilidade!

A união faz a força, mas a união

